



Emigração e Redes Sociais Pessoais em Idosos

Eva Alves Nunes Almeida

Dissertação Apresentada ao ISMT para obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social

Orientador: Professora Doutora Sónia Guadalupe

Coimbra, julho de 2018

Agradecimentos

Chegando ao fim de mais uma etapa no meu percurso de vida académica, não posso deixar de agradecer às pessoas que foram fundamentais para o meu sucesso.

Aos meus pais, por tudo! Por serem uma verdadeira máquina de concretização de sonhos, pelo amor incondicional, pela palavra amiga, por nunca terem desistido de mim e por terem feito de mim tudo aquilo que sou. Quando for “grande”, quero ser como vocês!

Ao meu irmão, pelo exemplo que sempre foi para mim, pela força de vontade e garra que me transmitiu, assim como toda a proteção e partilha. Será sempre um prazer aprender contigo, és sem dúvida o meu melhor professor de vida.

À Professora Doutora Sónia Guadalupe, por todo o saber que me transmitiu, pela colaboração e disponibilidade, mas também por todas as palavras de incentivo.

Aos meus tios, (tia Carminda e ti-tó) por durante 9 meses partilharem todas as refeições comigo, pelo apoio e carinho incondicional, mas também por terem sempre uma palavra para amenizar o meu cansaço.

Aos meus amigos, por terem assumido o papel ativo de me fazer descontraír e ouvir todas as minhas preocupações. Em especial ao meu núcleo duro, (Mimi, Marta, Gino, Mónica, Álvaro e Cristina) por todos os cafés, por todos os momentos e por cada um me ter ajudado a crescer. À Joana Marta, pela disponibilidade que sempre teve e por me ajudar a “desembaraçar os novelos” que surgiram neste percurso.

À pessoa que apareceu na minha vida para lhe dar uma reviravolta, pelo apoio, por saberes sempre o que dizer, por tornares todos os momentos especiais, por Londres, pela Ivy, pelos passeios de jipe, por tudo. Se a vida assim permitir, irei agradecer e retribuir todos os dias.

À minha Sabrina, que prova que a distância não é soberana à nossa amizade, por toda a ajuda e pela pessoa fantástica que és.

A todos, um MUITO OBRIGADA!

Resumo

Objetivos: Pretendemos caracterizar e analisar as implicações da mobilidade geográfica por emigração nas redes sociais pessoais de idosos.

Metodologia: O presente estudo é transversal e foi utilizado o método de investigação quantitativo através de um inquérito por questionário. Para a avaliação e caracterização da rede social pessoal das variáveis foi usado o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal, versão para idosos (IARSP – Idosos) (Guadalupe, 2010; Guadalupe e Vicente, 2012).

Participantes: A amostra em estudo é constituída por 612 participantes com idade igual ou superior a 65 anos, tendo sido comparada uma subamostra de 105 indivíduos (17,2 %) que estiveram emigrados em algum período da sua vida, com uma subamostra de 507 participantes que nunca emigraram (82,8%).

Resultados: As redes sociais dos idosos emigrantes apresentam uma média de 9,45 elementos, superior quando comparada com a dos idosos não emigrantes ($p < 0,01$). Os participantes que não emigraram percecionam um nível superior de apoio social por parte das suas redes comparativamente aos emigrados ($p < 0,001$). Apesar do apoio emocional ser percecionado por ambos como o mais valorizado e elevado, o apoio material e instrumental e o informativo é percebido como superior nos idosos não emigrantes ($p < 0,01$), assim como a companhia social e acesso a novos contactos ($p < 0,001$). São redes coesas, com uma durabilidade média de cerca de 40 anos, que apresentam uma maior frequência de contactos nos idosos que estiveram emigrados ($p < 0,001$). A distância de residência da rede social pessoal é menor nos idosos não emigrados ($p < 0,001$). As redes dos participantes apresentam características de heterogeneidade tanto a nível etário como sexual.

Conclusão: O nosso estudo revela que os idosos emigrados apresentam redes maiores do que os não emigrados, mas igualmente centradas nas relações familiares. A nível funcional o nível de apoio percecionado pelos idosos que estiveram emigrados é menor, à exceção do apoio emocional. Quanto às características relacionais-contextuais, comparativamente aos idosos não emigrados, a frequência de contactos dos idosos emigrantes com os elementos da sua rede é maior, ainda que paralelamente, a distância de residência também seja mais dispersa.

Palavras-chave: envelhecimento, migrações, emigração, retorno, redes sociais pessoais.

Abstract

Objectives: We intend to characterize and analyze the implications of geographic mobility (emigration) in the personal social networks of elderly.

Methods: The present study is transversal and used the quantitative research method through a questionnaire. For evaluation and characterization of the personal social network of the variables The Personal Social Network Analysis Tool (IARSP – elderly people) (Guadalupe, 2010; Guadalupe e Vicente, 2012) was used.

Participants: The study sample consists of 612 participants aged 65 years old or over, with 17.2% (n = 105) of the sample consisting in individuals who had at some time in their lives emigrated, compared to 82.8% (n = 507) of the participants having never emigrated, these being the two subsamples under analysis.

Results: The social networks of the elderly emigrants present an average of 9.45 elements, higher when compared to the non-migrant elderly ($p < 0.01$). Participants who did not emigrate perceived a higher level of social support by their networks compared to emigrants ($p < 0.001$). Although emotional support is perceived by both as highest and most valuable, material, instrumental and informative support is perceived as superior in the non-migrant elderly ($p < 0.01$), as well as social company and access to new contacts ($p < 0.001$). These are cohesive networks, with an average durability of approximately 40 years, which present a higher frequency of contacts in emigrated elderly people ($p < 0.001$). The residence distance of the personal social network is lower in the non-emigrant elderly ($p < 0.001$). The participants networks present heterogeneous characteristics, both in terms of age and sex.

Conclusion: Our study reveals that elderly migrants present larger networks than non-emigrants, but equally centered on family relationships. At the functional level, the level of support perceived by the elderly emigrants is lower, with the exception of emotional support. Regarding the relational-contextual characteristics, compared to the non-emigrant elderly, the frequency of contacts of the elderly migrants with the elements of their network is greater, although in parallel, the distance of residence is also more dispersed.

Keywords: aging, migrations, emigration, return, personal social networks.

Índice

Introdução	1
Breve abordagens aos fluxos migratórios na sociedade portuguesa	3
Redes Sociais Pessoais e migração	5
Objetivos	9
Material e Métodos.....	10
Método e Procedimentos.....	10
Instrumentos.....	11
Análise de dados	12
Participantes.....	12
Resultados.....	15
Discussão e Conclusões	19
Referências Bibliográficas	28

Índice de tabelas

Tabela 1. Características sociodemográficas segundo a emigração	14
Tabela 2. Características Estruturais da composição da rede social pessoal segundo a emigração	15
Tabela 3. Características Estruturais da composição da rede social pessoal segundo a emigração	16
Tabela 4. Características Funcionais da composição da rede social pessoal segundo a emigração	17
Tabela 5. Características Relacionais-Contextuais da composição da rede social pessoal segundo a emigração	18
Tabela 6. Características da homo/heterogeneidade etária e sexual das redes sociais pessoais segundo a emigração	18

Introdução

Um dos problemas centrais do século XXI em Portugal é o envelhecimento da população. O aumento da população idosa a que temos vindo a assistir ao longo das últimas décadas está associado a uma multiplicidade de fatores que dificultam a adaptação da sociedade a este cenário mais envelhecido. Os desafios dessa adaptação atravessam diversos sectores da sociedade.

O conceito de envelhecimento demográfico caracteriza-se essencialmente pela progressiva diminuição do peso das gerações mais jovens a favor das gerações mais envelhecidas. Esta mudança social vai provocar uma redução da base da pirâmide e o consequente alargamento do peso das gerações idosas no topo (Azevedo, Gomes, Mendes, Baptista e Cabral, 2011).

Segundo Nazareth, Rosa e Chitas (1976;2016), assistimos a um duplo envelhecimento, por um lado acentuamos o peso dos idosos no total da população devido ao aumento da esperança média de vida, por outro a redução dos jovens, com a queda do índice de fecundidade.

Em 1960, o número de pessoas com menos de 15 anos (2,6 milhões) era superior ao número de pessoas com 65 ou mais anos (709 mil). No ano de 2000, pela primeira vez esse valor foi ultrapassado, já em 2008 o número de pessoas com 65 ou mais anos aumentou cerca de 1,2 milhões (1,9 milhões, respetivamente). Por sua vez, o número de pessoas com menos de 15 anos é menor, representando um valor de 1,6 milhões. Em 2016 o valor de indivíduos com 65 ou mais anos representa um valor de aproximadamente 2,2 milhões, a população apresenta uma relação de 148,7 idosos para cada 100 jovens. O índice sintético de fecundidade sofreu uma redução, passando de 3,2 filhos por mulher em 1960, para 1,4 filhos em 2008, por fim em 2016 o valor é de 1,36 filhos por mulher (Pordata, 2016; Rosa e Chitas, 2016).

Estima-se que em Portugal a população em idade ativa passará de 6,7 milhões em 2015 para 3,8 milhões em 2080, sendo que o índice de envelhecimento poderá duplicar passando a uma proporção de 317 idosos para cada 100 jovens (Instituto Nacional de Estatística, INE, 2017). Segundo Rosa (1993), podemos referir que o desafio do envelhecimento populacional e o impacto deste para a sociedade pode ser analisado nas seguintes dimensões: o declínio da população ativa e consequente envelhecimento da mão de obra, queda da fecundidade, o impacto deste fenómeno sobre os regimes de pensões e finanças públicas (número crescente de reformados e diminuição da população ativa), assim como o aumento da procura de cuidados de saúde e assistência associado ao aumento da esperança média de vida.

É perante uma cultura ocidental dominada por um modelo de desenvolvimento assente no crescimento económico e produtividade, que resulta uma visão redutora do homem e da sociedade em geral. Os valores materialistas pelos quais a sociedade contemporânea se rege consequentemente vão dividir a sociedade, em membros ativos e inativos para o mercado de trabalho (Martins, 1998). A idade é o fator decisivo dessa divisão, sendo que as capacidades funcionais (físicas ou intelectuais), são diferentes de indivíduo para indivíduo, fazendo parte do seu envelhecimento biológico, semelhantemente às capacidades produtivas que variam consoante o tipo de atividade exercida. Quando o indivíduo atinge a idade de reforma fixada, passa involuntariamente a pertencer ao grupo de inativos, predominando uma ideia de velhice baseada critérios que se prendem com a idade e estatuto (Rosa, 1993).

Ao longo da última década em Portugal, à semelhança do resto da Europa, o envelhecimento demográfico originou um conjunto de desafios, pois as configurações institucionais da maioria dos Estados de Providência modernos estão projetadas para um volume de pessoas idosas que não corresponde ao real. Por outro lado, aumentou a procura de cuidados sociais e de saúde associados a uma maior esperança média de vida. Neste sentido, tem vindo a instalar-se um discurso público que sublinha a necessidade de encontrar mais respostas sociais para estes desafios que advêm do envelhecimento demográfico (Lopes e Lemos, 2012). Perante este conjunto de desafios, segundo Capucha (2005) não é aceitável acentuar a conotação negativa do envelhecimento demográfico, pelo contrário, este fenómeno resulta essencialmente de uma melhoria das condições de vida. A parte negativa, associa-se com o sentido de longevidade e da possibilidade desta não ser vivida com a qualidade que lhe é de direito, assim como a gestão de políticas públicas que se pode revelar ineficaz.

A vaga de emigração portuguesa entre 1960 e 1970, foi um impulsionador básico para o envelhecimento e importância absoluta e relativa da população idosa nos dias que correm (Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo e Marques, 2013). Sendo a emigração maioritariamente de jovens e adultos, em média entre os menores de 20 e os 40 anos de idade, podemos referir que esta apresenta dois tipos de influência sobre o envelhecimento da população. Por um lado, estamos perante uma significativa redução das classes jovens, característica do envelhecimento da população. Por outro lado, os restantes adultos emigrantes têm uma influência indireta através redução da natalidade (Oliveira e Pereira, 1967).

Breve abordagens aos fluxos migratórios na sociedade portuguesa

Em 2015, Portugal foi considerado o segundo país da União Europeia com mais emigrantes em percentagem da população, cerca de 23%, com cerca de 2,3 milhões de emigrantes portugueses (Pires, Pereira, Azevedo, Vidigal, e Veiga, 2017).

Mas foi na década de 60 e 70 que em Portugal se verificaram os mais assinaláveis fluxos de emigração da história da sua população (Pordata, 2018a).

Salim (1992) considera que a migração é um fenómeno complexo essencialmente social e com determinações múltiplas. A migração tende a assumir contornos próprios diante da pluralidade das relações sociais ou dos diversos contextos sociais onde se dão os processos de mudança (Salim, 1992). Essas feições diferenciam-se e têm implicações distintas para os indivíduos ou grupos sociais que a compõem e caracterizam. A migração é qualificada em função do tipo de movimento ou deslocamento espacial. Apesar disso pode ser equacionada enquanto componente demográfico relacionado com as condições históricas das mudanças sociais, económicas, estruturais, entre outras, constituindo um mecanismo de reprodução ou de alteração quantitativa da sociedade. A migração pode refletir ou mediar processos que condicionam indiretamente outros componentes demográficos, como os índices de fecundidade e mortalidade, ou mais diretamente sobre as classes que determinam a formação e composição do mercado de trabalho (Salim, 1992).

Portugal sempre foi considerado um país de emigrantes, sendo que os seus fluxos migratórios de saída têm variado ao longo do tempo, assim como os destinos escolhidos, como quanto à sua intensidade. A intensidade dos fluxos migratórios está associada às oportunidades de trabalho bem como às condições do mesmo, podendo assim encontrar-se uma relação entre a emigração e os períodos de estabilidade económica ou elevada crise (Santos, 2017). As causas da migração internacional baseiam-se sobretudo na reunião de fatores económicos, sociais e políticos que forcem as pessoas a deixarem o próprio país. Nos países em desenvolvimento, as elevadas taxas de crescimento populacional originam excedentes de mão de obra que resultam em fluxos migratórios para os países tidos como desenvolvidos. Por sua vez, a pobreza, o desequilíbrio de rendimento, a estagnação económica e as violações aos direitos humanos acabam por desagregar a sociedade (Soares, 2004).

Segundo Baganha, et al. (1999) a emigração portuguesa, enquanto movimento de trabalho ou emigração económica, apresenta três ciclos distintos. O primeiro, ao longo do século XIX, prolongando-se até aos anos 60, caracteriza-se por uma vaga de portugueses que saem do país em direção às Américas especialmente ao Brasil. O segundo ciclo, com início nos

anos 50 e que entra em retração em 1974, caracteriza-se pela intensa saída do país, fenómeno em larga escala comparado ao anterior. Os emigrantes deste ciclo dirigiam-se predominantemente para países europeus, nomeadamente para França e Alemanha. O terceiro ciclo, por sua vez, arrancou por volta de 1985 e encontra-se ainda em curso, retoma como destino preferencial a Europa, nomeadamente países como Suíça e Alemanha.

Nos anos 60, a emigração atingiu níveis jamais conhecidos, muito superiores aos saldos fisiológicos atuais. Para além das saídas legais que colocavam em causa a própria estrutura socioeconómica, os valores da emigração clandestina estavam em constante crescimento (Barreto, 1995). Assistimos neste período a um predomínio de emigrantes do sector operário (especializados e qualificados), ainda que os trabalhadores braçais, oriundos do sector agrário português, ocupassem grande parte da exportação de mão-de-obra não qualificada. No início da década de 1970, os trabalhadores portugueses dão um contributo importante para o desenvolvimento francês, tanto ao nível da construção civil e trabalhos públicos como da higiene e serviços domésticos (Serrão, 1982).

Tilly (1978) considera que as migrações compreendem vários tipos: locais, circulares, de carreira ou em cadeia. Nas migrações locais, o indivíduo desloca-se a um “espaço” que normalmente já lhe é familiar. As circulares referem-se a quando o indivíduo se desloca por um intervalo de tempo definido com a intenção de retorno. Neste caso e com o decorrer dos anos podemos assistir à fixação de alguns indivíduos no local de destino, sobretudo se bem-sucedidos, podendo agir como elementos de atração para que outros eventualmente se estabeleçam. Por outro lado, as migrações de carreira ocorrem quando o indivíduo se desloca por motivos profissionais. Podem ser em cadeia, quando envolve um deslocamento motivado por arranjos ou informações de outros indivíduos já estabelecidos no local. A migração circular pode, com a evolução, passar a assumir uma migração em cadeia.

A observação dos fluxos de migrações internacionais em Portugal, na atualidade, revela uma situação complexa. Após o período do apogeu de emigração do séc. XX, foi algumas vezes anunciado o seu declínio, e mesmo a sua eventual extinção. Durante muito tempo visto como um país de emigração, Portugal viu-se confrontado com uma nova realidade de imigração estrangeira. Em termos teóricos, ocorreu a mudança de um modelo dominado pela emigração para um modelo de imigração, ou seja, a mudança de regime migratório. Os números de emigração ainda são assinaláveis em Portugal, sendo de registar que a emigração de longa duração voltou a ser uma realidade, embora as saídas de curta ou média duração, estejam em proporção crescente (Peixoto, 2004, 2012).

Sayad (2000), considera que a ideia de retorno está presente na maioria dos projetos migratórios, apresentando a ideia de retorno como elemento constitutivo da condição de ser migrante, acompanhando todo esse processo. Segundo o autor, o retorno tende a adquirir uma forma ilusória, porque o contexto de partida passa a ser mais imaginado do que real. Para Fazito (2010), o retorno representa uma categoria fundamental do processo migratório pois confere-lhe sentido e explica as relações complexas entre a emigração e imigração, ausência e presença. A palavra retorno não se refere apenas ao espaço físico, mas também ao espaço social, o seu poder simbólico prende-se ao facto de não ser possível retornar à mesma estrutura de coisas e eventos que foram abandonados ao emigrar. Emigra-se com a crença de que um dia se retornará ao mesmo espaço, na defesa da racionalidade do deslocamento, como se a decisão de emigrar fosse individual e pontual, localizada num espaço de tempo manipulável racionalmente.

O retorno tem impacto no emigrante, nas pessoas com quem se relaciona e no território. Este pressupõe vários modelos de relação: relação com o tempo (passado e futuro), relação com a terra natal nas suas dimensões física e social e ainda relação com o país que se deixou, através da manutenção de ligações (afetivas e/ou materiais) transnacionais (De Bree, Davids e De Haas, 2010). O regresso, mesmo que desejado, envolve adaptações complexas: a reintegração no país de origem e a despedida de amigos e costumes no país de acolhimento. A trajetória de ida e volta parece envolver movimentos identitários complexos, como o duplo sentimento de pertença, ao país de origem onde está a sua identidade e ao país de acolhimento que lhes deu uma nova vida, mas também um duplo sentimento de perda, pois quando emigram perdem as origens e quando regressam perdem a vida do país de acolhimento (Moura, et al., 2011).

A experiência vivenciada pelo indivíduo quando emigra, ainda que esse projeto possa ter sido equacionado pela família ou comunidade, não é vivida por todos de modo homogêneo. As mudanças ocorrem em função das diferentes trajetórias de cada um. As transformações que resultam do ato de emigrar são importantes ao nível das aprendizagens adquiridas e das alterações que suscitam nas relações com os outros e com o espaço pré-migração (Pereira e Siqueira, 2013).

Redes Sociais Pessoais e migração

Tornou-se cada vez mais comum o uso da metáfora “rede social” para representar um sistema migratório, onde determinadas regiões trocam pessoas, recursos materiais e informações, são estabelecidos laços ou conexões sólidas que podem explicar a origem,

desenvolvimento e aumento de tais fluxos. Procura-se um modelo que represente o fenómeno migratório em diferentes dimensões, macro e micro, as regiões conectam-se através de fluxos de ordens variadas, as pessoas migram através de uma “instituição invisível” que são as redes familiares ou pessoais. O contato com atores e canais também é importante, independentemente deste ser físico ou apenas subjetivo, na forma de influência e acaba por ser responsável pela concretização de uma “viagem” bem sucedida (Fawcett, 1989; Kritz e Zlotnik, 1992).

Os conceitos de rede pessoal e rede migratória podem-se aproximar de uma forma direta, já que esta coincidência de significados constrói-se dependendo da recorrência com que as relações de parentesco e de amizade são apontadas. Podem ser como causas ou intensificadoras dos fluxos migratórios, ou seja, as pessoas migram por causa do suporte dado por redes pessoais. Por fim podem também ser vistas como responsáveis pela manutenção de vínculos entre origem e destino, pela orientação que os fluxos assumem, assim como pela circulação de recursos materiais e simbólicos (Soares, 2002). Para Massey (1988), as redes migratórias podem ser definidas como laços interpessoais de elevada complexidade que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade ou vizinhança.

As redes fornecem contextos sociais de referência para o indivíduo que deseja entrar num processo de migração, sendo um instrumento valioso para a ação social estudar, visto que são capazes de influenciar e condicionar os comportamentos individuais. A importância que se confere às redes sociais no campo dos estudos de migração surgiu da necessidade de considerar processos sociais que pudessem aludir ao carácter seletivo da dinâmica migratória, assim como responder ao motivo de alguém se tornar migrante, mas também a razão de no mesmo contexto haver pessoas que sentem necessidade de migrar e outras não. Esses processos sociais concretos incluiriam redes institucionais e de pessoas que, operando entre o contexto micro e macro, organizariam a migração (Soares, 2004).

Os métodos de análise de redes sociais permitem imprimir novas abordagens diante dos movimentos migratórios, tendo em vista que as características estruturais dos fluxos podem mostrar a contribuição económica e demográfica das migrações na expansão dos centros urbanos. A análise de redes sociais difere das formas convencionais de abordagem, não centrando a sua atenção nos indivíduos e atributos, mas sim na possibilidade de existência de laços entre eles. Atributos individuais podem fornecer informações sobre um subconjunto de atores em estudo, a partir de características próprias que lhe conferem maior importância dentro de um conjunto maior. Um aspeto essencial da análise de redes sociais é a natureza das informações a serem trabalhadas. Os dados relacionais são mais adequados do que dados de

atributos, pois pressupõem a existência de pelo menos um par ordenando de atores que possuam uma qualquer relação (Matos e Braga, 2000).

De acordo com Sluzki (2000) as redes sociais pessoais englobam todos os elementos com quem o indivíduo interage de maneira regular, sendo consideradas a soma de todas as relações que um indivíduo considera importantes, ou que se distinguem da massa anónima da sociedade. Resumindo, a rede social pessoal é constituída por todos os atores sociais com quem o indivíduo estabelece uma relação. Estes podem também interagir entre si, formando uma rede complexa de ligações centradas numa figura central. As relações poderão ser de amizade, de trabalho e/ou escola, relações comunitárias ou de serviços.

Podemos entender as redes sociais pessoais como o conjunto de contactos pessoais que possibilitam, especialmente em fases mais avançadas da vida, que os indivíduos mantenham a sua identidade social, assim como lhes proporcionem o apoio emocional, ajuda material, serviços, informação que são necessários, mas também o estabelecimento de novos contactos sociais (Walker, MacBride e Vachon, 1977). A rede social do indivíduo depende da sua história de vida, sendo que a sua saúde e bem-estar estão diretamente relacionados com o apoio emocional percebido pela sua rede. Quando este não é percebido como suficiente existe uma maior tendência para o desenvolvimento de fragilidades psicológicas (Élita, Ligiane e Eliete, 2001).

As redes sociais podem ter uma grande importância para o envelhecimento saudável e bem sucedido dos indivíduos, quando há reconhecimento por parte destes que ter família e amigos do seu lado é um dos fatores imprescindíveis para envelhecer bem (Fernández-Ballesteros, et al., 2010).

Apesar de as redes sociais pessoais constituírem a principal fonte de suporte informal percebido pelos sujeitos, a existência de uma rede social não significa a existência efetiva de suporte social. Não podemos pressupor que todas os indivíduos ou famílias que identificamos na rede social pessoal ou familiar têm suporte social disponível e garantido por essa mesma rede (Guadalupe, 2009). De modo geral, para analisar o funcionamento da rede e a forma como esta se comporta existem três características fundamentais: características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais. A análise destas vai possibilitar um diagnóstico mais fidedigno da rede de suporte pessoal (Alarcão e Sousa, 2007; Guadalupe, 2009; Sluzki, 2007).

Quanto às características estruturais, relacionam-se com o tamanho, densidade e composição da rede (Guadalupe, 2009). O tamanho da rede refere-se ao número de elementos que a compõe, podendo esta ser considerada quanto à sua dimensão, pequena, média e grande. As redes sociais pequenas, geralmente apresentam menor eficácia relativamente ao apoio que

proporcionam assim como a maior probabilidade de criar sobrecarga dos cuidadores, por outro lado, os elementos de redes grandes podem originar uma falsa percepção de apoio entre eles. Por sua vez, as redes médias tendem a representar maior eficiência na prestação de apoio e suporte do indivíduo (Alarcão e Sousa, 2007; Guadalupe, 2009; Sluzki, 2007). Existem fatores que podem influenciar o tamanho das redes sociais pessoais, tornando-se mais representativo em idades avançadas, tais como, as migrações, alterações de residência e morte (Sluzki, 2007). A densidade refere-se à relação existente entre os membros, independentemente do indivíduo central. Podemos caracterizar as redes a três níveis distintos, como coesas, fragmentadas ou dispersas (Alarcão e Sousa, 2007; Sluzki, 2007). Identificamos como uma rede coesa, quando se verifica que a maioria dos elementos da rede se relaciona entre si, paralelamente à relação que mantêm com indivíduo central, normalmente com grandes vínculos familiares em que todos se conhecem. Quando a rede é composta por vários grupos que não se relacionam entre si, designamos por rede fragmentada, por fim, as redes dispersas são redes em que a maioria dos membros não se conhecem entre si. A composição da rede permite identificar a proporção dos elementos da rede segundo quatro grupos, família, amigos, colegas de trabalho/estudo, vizinhos e instituições (Alarcão e Sousa, 2007; Sluzki, 2007).

As características funcionais prendem-se com funções de cada elemento na rede social, podendo ser analisadas através das funções de suporte emocional, tangível (material e instrumental) e informativo (Guadalupe, 2009).

Por fim, a análise das características relacionais-contextuais, prende-se com a heterogeneidade/ homogeneidade dos elementos constituintes da rede, a duração da relação, a dispersão geográfica e a frequência de contacto (Guadalupe, 2009). Esta análise é importante na caracterização dos elementos da rede quando ao sexo, idade, cultura e nível socioeconómico (Alarcão e Sousa, 2007; Sluzki, 2007). Quanto à duração da relação está ligada ao tempo em que os elementos da rede se conhecem e o grau de intimidade que têm. A dispersão geográfica permite identificar a distância a que os membros da rede social vivem, tendo em conta a localização do indivíduo central. Quanto menor a sua dispersão, maior será a acessibilidade e eficácia do apoio e suporte da rede. A frequência de contatos está relacionada com a frequência em que o indivíduo central estabelece contatos com os membros da sua rede social (Alarcão e Sousa, 2007; Guadalupe, 2009; Sluzki, 2007).

Segundo Massey et al (1987) os contextos que dão origem à migração podem ser completamente diferentes das condições que a fazem perdurar no tempo. Enquanto que as transformações estruturais da sociedade de origem e de destino respondem pelo início dos

fluxos migratórios, as redes sociais dão-lhes estabilidade, tornando-os um movimento de massas.

As redes sociais mais importantes são as relações de parentesco, amizade, trabalho e as deixadas na origem. Essas relações não são criadas pelo processo migratório, mas involuntariamente sofrem adaptações devido a ele, sendo reforçadas pela experiência comum da migração. (Massey, 1990)

Usando como fonte de inspiração as interpretações de Tilly e Massey (1987; 1990), quando afirma que as redes sociais são manifestamente importantes para entender as migrações, no entanto não passam de uma representação metafórica de redes sociais. Os conceitos de rede pessoal e rede migratória têm uma coincidência de significados que se constrói consoante as relações de parentesco e de amizade. São apontadas como: 1) causas ou intensificadores dos fluxos migratórios (o indivíduo migra por causa do suporte dado pela sua rede pessoal); e 2) como responsáveis pelos vínculos que o indivíduo mantém entre a origem e destino, pela orientação que os fluxos assumem, pela circulação de recursos materiais e simbólicos etc. Prevalece assim uma certa imprecisão quanto aos limites conceituais de rede social, rede pessoal e rede migratória, existindo pouco consenso na utilização destes conceitos (Soares, 2002).

Objetivos

O objetivo central deste estudo é caracterizar e analisar as implicações da mobilidade geográfica (emigração) nas redes sociais pessoais de indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos. Como objetivos específicos determinou-se: 1) analisar a relação entre variáveis sociodemográficas e a emigração; 2) analisar as características das redes sociais pessoais segundo a existência ou não de emigração no passado dos sujeitos, designadamente quanto às variáveis estruturais, funcionais e relacionais-contextuais.

Material e Métodos

Método e Procedimentos

A presente dissertação integra o Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos”, tem como objetivo descrever e tipificar as redes sociais pessoais dos idosos portugueses, encontrando-se em desenvolvimento no Departamento de Investigação e Desenvolvimento do Instituto Superior Miguel Torga e no Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE) sob responsabilidade das Professoras Doutoras Sónia Guadalupe, Fernanda Daniel, Inês Amaral e do Professor Doutor Henrique Vicente, integrando uma equipa mestrandos em Serviço Social e Psicologia.

O presente estudo é transversal e foi utilizado o método de investigação quantitativo através de um inquérito por questionário. Como critérios de inclusão dos indivíduos neste estudo definiu-se que a idade tinha de ser igual ou superior a 65 anos, residir em Portugal e não possuir patologia/perturbação psíquica que impedisse a participação consciente na investigação.

Para a recolha de dados é utilizado um protocolo com 8 secções de questões, a saber: 1) Caraterísticas sociodemográficas e familiares; 2) Caraterísticas socioprofissionais e de aposentação; 3) (E)Migração; 4) Saúde e qualidade de vida; 5) Solidão e depressão; 6) Satisfação com a vida, com relações interpessoais e *coping* resiliente; 7) Participação social; 8) Rede social pessoal. No presente estudo apenas foram utilizadas as secções, 1, 2, 3 e 8.

A recolha dos dados utilizados no estudo foi feita em Portugal, maioritariamente no distrito de Coimbra, mas também nos distritos de Aveiro, Leiria, Évora, Guarda, Lisboa, Portalegre, Santarém, Viseu e região autónoma da Madeira, decorrendo entre fevereiro de 2013 e março de 2015. A autora da presente dissertação não colaborou na recolha de dados, tendo tido acesso à base de dados concluída. Para construção desta base de dados, numa primeira fase uma equipa de mestrandos em Serviço Social e Psicologia Clínica procedeu a um contacto inicial com idosos, institucionalizados e não institucionalizados, de modo a explicar os objetivos do estudo, para que assim fosse possível proceder à administração de uma bateria de testes. Após a leitura do consentimento informado a cada idoso, foram recolhidos os dados em situação de entrevista. Todos os protocolos foram preenchidos e orientados por entrevistadores treinados, tendo tido cada entrevista uma duração entre os 45 a 90 minutos.

Instrumentos

Tendo em conta os objetivos delineados anteriormente, o presente estudo irá focar-se no seguinte instrumento: IARSP – Idoso (Instrumento de Análise da Rede Social e Pessoal – Idoso) (Guadalupe, S. e Vicente, 2012; Guadalupe, 2009)

O Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal é um instrumento multidimensional que visa recolher informação sobre a rede social pessoal dos inquiridos. Este permite caracterizar a rede quanto a variáveis de dimensão estrutural, funcional e relacional-contextual (Guadalupe, 2009). O instrumento tem vindo a registar diferentes versões com diversas adaptações, sendo que a versão utilizada no presente estudo – IARSP- Idosos- foi desenvolvida por Sónia Guadalupe e Henrique Testa Vicente em 2012. Neste estudo, o IARSP tinha como questão sonda ou gerador de rede *“Refira o nome das pessoas, com quem se relaciona, significativas na sua vida e o/a apoiam”*. Posteriormente cada elemento da rede identificado pelo inquirido era caracterizado quanto ao vínculo ou tipo de relação que mantém (Família, Amigo(a), Vizinho, Relação de trabalho/Estudo, Técnico), que são depois avaliados segundo a sua proporção na rede. Na dimensão estrutural vamos avaliar o tamanho da rede do inquirido, a sua composição e o campo relacional.

A dimensão funcional procura avaliar o nível de apoio percebido como recebido dos membros da rede através de cinco tipos de apoio: emocional, material e instrumental, informativo, companhia social e acesso a novos contactos, avaliados numa escala de *Likert* de 3 pontos (nenhum; algum; muito). Por sua vez, a reciprocidade de apoio, ou seja, se o apoio entre o inquirido e os elementos da sua rede é mútuo é avaliado com uma escala que varia entre 1 (não dá apoio a nenhuma destas pessoas) e 4 (Dá apoio à maior parte destas pessoas).

Para avaliar as características relacionais-contextuais o indivíduo é questionado acerca da durabilidade das relações que mantém com os elementos da sua rede, assim como da frequência de contactos entre os mesmos, é utilizada uma escala de *Likert* de 5 pontos (5- diariamente; 4- algumas vezes por semana; 3- semanalmente; 2- uma ou mais vezes por mês; 1- algumas vezes por ano). Avaliámos também a dispersão geográfica da rede, distância entre a residência do inquirido e dos membros da sua rede, feita através de uma escala de *Likert* de 5 pontos (5- na mesma casa; 4- no mesmo bairro/rua; 3- na mesma terra; 2- até 50 km; 1- a mais de 50 km).

Por fim, avaliamos se os elementos da rede se conhecem entre si (densidade), mas também quanto à homo(hétero)geneidade da rede relativamente à idade e sexo dos elementos desta.

Análise de dados

Para o tratamento estatístico dos dados recorremos ao programa informático de análise estatística *IBM SPSS Statistics (Statistical Package for the Social Sciences)*, na sua versão 21 para *Windows*. Os procedimentos estatísticos foram selecionados de acordo com os objetivos e as hipóteses do estudo, assim como o tipo de variáveis em causa. A análise de dados é bivariada, com estatística descritiva e inferencial, comparando duas subamostras: os sujeitos que estiveram emigrados nalguma fase da sua vida e os sujeitos que nunca estiveram emigrados. Para efetuar a análise de dados recolhidos, tornou-se necessário determinar medidas de estatística descritiva (média, mediana, desvio-padrão, mínimo e máximo, assim como frequências e percentagens). Recorremos ao teste do Qui-quadrado para analisar as associações entre as subamostras em estudo e as variáveis sociodemográficas da amostra. Calculámos também a medida de associação correspondente de modo a caracterizar a intensidade e direção da associação entre as variáveis, *V* de Cramer quando temos mais de duas variáveis, ou *phi* nos casos em que isso não se verifica. O teste *t* de *Student* para amostras independentes foi usado para analisar as diferenças entre emigrados e não emigrados entre as características das redes sociais pessoais.

Participantes

A amostra em estudo é constituída por 612 participantes, sendo que o número de indivíduos que estiveram emigrados em algum período da sua vida representa 17,2 % ($n = 105$) da amostra, comparativamente a 82,8% ($n = 507$) dos participantes que nunca emigraram, sendo estas as duas subamostras que estão em análise (Tabela 1). Os participantes são de ambos os sexos, predominando o sexo feminino em ambos os grupos. Entre os que não estiveram emigrados 64,5% são mulheres ($n = 327$) e 35,5% são homens ($n = 180$). O mesmo acontece nos participantes que estiveram emigrados, onde a diferença é menor: o sexo feminino ($n = 59$; 56,2%), por sua vez o sexo masculino representa ($n = 46$; 43,8%). A média das idades dos participantes que emigraram é de 74 anos ($DP = 7,38$), sendo o indivíduo mais novo com 65 anos e o mais velho com 98 anos de idade, por sua vez os participantes que não emigraram apresentam uma média de idades de 76 anos ($DP = 7,61$) (Tabela 2).

Relativamente ao estado civil podemos verificar que a tendência é serem casados ou viúvos, tanto nos participantes emigrados como nos que não emigraram. Quanto à zona de residência existe uma maior percentagem a viver em aglomerados populacionais sobre os que

vivem em zonas isoladas. Os participantes que estiveram emigrados na sua maioria consideram a sua residência meio rural ($n = 55$; 52,4%), seguidamente o meio suburbano ($n = 34$; 32,4%) e por fim o meio urbano ($n = 16$; 15,2%). Os participantes não emigrados consideram também maioritariamente a sua residência meio rural ($n = 269$; 63,1%), meio suburbano ($n = 145$; 28,6%) e por fim o meio urbano ($n = 93$; 18,3%).

Após a análise podemos constatar que existe uma associação estatística significativa no que diz respeito à emigração e às habilitações literárias ($p < 0,001$), ainda que a maioria dos participantes que emigraram possui apenas o ensino básico, isto é, 4º ano de escolaridade ($n = 61$; 58,1%), assim como os não emigrados ($n = 253$, 49,9%). Quanto aos participantes sem escolaridade, verificamos que são mais representativos nos não emigrantes ($n = 167$; 32,9%), comparativamente aos emigrantes ($n = 23$; 21,9%). O ensino preparatório apresenta a tendência contrária, sendo que os participantes emigrantes ($n = 8$; 7,6%) tem maior representatividade comparativamente aos não emigrantes ($n = 18$; 3,6%). Podemos verificar, em proporção, que os participantes que estiveram emigrados que têm o 12.º ano de escolaridade são mais significativos ($n = 8$; 7,6%) comparativamente a menor representatividade de participantes que permaneceram sempre no país e com o 12.º ano de nível escolar ($n = 7$; 1,4%). O 9º ano de escolaridade e o ensino superior tem tendência a ser mais representado nos participantes que não emigraram do que nos emigrantes (5,9%, vs. 1,9%; 6,3% vs. 2,9%, respetivamente).

Quanto às outras variáveis sociodemográficas, a análise da distribuição dos dados segundo as duas subamostras não revela significância estatística. Perante a variável dos rendimentos a maioria dos participantes, tanto os não emigrantes ($n = 280$; 55,2%), como os emigrantes ($n = 52$; 49,5%) consideram que os rendimentos cobrem os gastos mas não permitem poupar. Seguidamente encontramos diferenças na distribuição, ainda que não sejam estatisticamente significativas, pois os participantes que não estiveram emigrados consideram que os rendimentos não são suficientes face aos gastos ($n = 116$; 22,9%), por sua vez os emigrados ($n = 34$; 32,4%) consideram que estes cobrem os gastos e permitem poupar. Por fim 21,9% ($n = 111$) dos não emigrados consideram que os gastos permitem poupar e 18,1% ($n = 19$) dos participantes emigrados consideram que os rendimentos não são suficientes face aos gastos.

Quanto à última profissão dos participantes da amostra e face à variável emigração verificamos que a maior representação dos participantes que não emigraram são as trabalhadoras domésticas ($n = 99$; 19,5%), por sua vez os emigrantes em estudo ($n = 25$; 23,8%), foram trabalhadores fabris, máquinas e construção civil. Nenhum dos participantes em estudo que esteve emigrado ocupou a profissão de empresário, por sua vez 1,4% ($n = 7$) dos participantes que não emigraram têm essa como última profissão.

Tabela 1.
Características sociodemográficas segundo a emigração

	N = 612	Emigrante		N	%	
		Não	Sim			
		n = 507 (82,8%)	n = 105 (17,2%)			
		n	%	N	%	
Sexo						
Masculino		180	35,5	46	43,8	$\chi^2 = 2,577^{ns}$ $\phi = -0,065^{ns}$
Feminino		327	64,5	59	56,2	
Total		507	100	105	100	
Classe etária						
65-74		236	46,5	62	59,0	$\chi^2 = 5,471^{ns}$ $\phi c = 0,095^{ns}$
75-84		193	38,1	30	28,6	
85+		78	15,4	13	12,4	
Total		507	100	105	100	
Estado Civil						
Solteiro		41	8,1	3	2,9	$\chi^2 = 3,919^{ns}$ $\phi c = 0,080^{ns}$
Casado		266	52,5	55	52,4	
Divorciado		21	4,1	5	4,8	
Viúvo		179	35,3	42	40,0	
Total		507	100	105	100	
Zona de Residência						
Isolada		50	9,9	7	6,7	$\chi^2 = 1,051^{ns}$ $\phi = -0,041^{ns}$
Aglomerado populacional		457	90,1	98	93,3	
Total		507	100	105	100	
Considera a Residência						
Rural		269	63,1	55	52,4	$\chi^2 = 0,904^{ns}$ $\phi c = 0,038^{ns}$
Urbano		93	18,3	16	15,2	
Suburbano		145	28,6	34	32,4	
Total		507	100	105	100	
Habilitações Literárias						
Não sabe ler nem escrever		74	14,6	12	11,4	$\chi^2 = 26,622^{***}$ $\phi c = 0,209^{***}$
Sabe ler e escrever		93	18,3	11	10,5	
4ª Classe		253	49,9	61	58,1	
Ensino preparatório		18	3,6	8	7,6	
9º ano		30	5,9	2	1,9	
12º ano		7	1,4	8	7,6	
Curso superior		32	6,3	3	2,9	
Total		507	100	105	100	
Rendimentos						
Não são suficientes para os gastos		116	22,9	19	18,1	$\chi^2 = 5,462^{ns}$ $\phi c = 0,094^{ns}$
Cobrem os gastos mas não permitem poupar nada		280	55,2	52	49,5	
Cobrem os gastos e permitem poupar		111	21,9	34	32,4	
Total		507	100	105	100	
Última Profissão						
Trab. agricultura e floresta		76	15,0	14	13,3	$\chi^2 = 9,283^{ns}$ $\phi c = 0,128^{ns}$
Doméstica(o)		99	19,5	18	17,1	
Trab. comércio e restauração		60	11,8	17	16,2	
Trab. fabril, máquinas e construção civil		81	16,0	25	23,8	
Trab. limpezas e auxiliares		27	5,3	6	5,7	
Trab. administrativo e serviços		50	9,9	8	7,6	
Profissões intelectuais e técnicas superiores		31	6,1	4	3,8	
Empresário		7	1,4	0	0,0	
Outras profissões		22	4,3	8	7,6	
Costureira e alfaiate		15	3,0	2	1,9	
Subtotal		468	100	102	100	
DND		39	7,7	3	2,9	
Total		507	100	105	100	

Notas:

N – amostra total; n – frequência; χ^2 – Qui-quadrado; ϕ – Phi; ϕc – V de Cramer; % - Percentagem.

Significância estatística (valor de p): * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$; *** $p \leq 0,001$, n.s. – não significativo

Segundo a tabela 2, o tamanho do agregado familiar dos membros que não estiveram emigrados apresenta uma média de 2,31 ($DP = 1,24$), comparativamente a uma média de 2,35 ($DP = 1,41$) do agregado familiar dos participantes emigrantes. O tempo em que os participantes estiveram emigrados em média é de 14,64 anos ($DP = 11,30$), por sua vez o regresso a Portugal foi feito em média há 31,63 anos ($DP = 13,54$). Quanto ao tempo de residência na zona, os participantes que não emigraram em média residem na zona há 732,06 meses ($DP = 286,47$), comparativamente a uma média de residência de 366,86 meses ($DP = 281,98$) dos participantes emigrantes.

Tabela 2.*Características Estruturais da composição da rede social pessoal segundo a emigração*

Características Estruturais da composição da rede social pessoal segundo a emigração						
	N = 612	Emigrante				t
		Não		Sim		
		n = 507 (82,8%)		n = 105 (17,2%)		
		M	DP	M	DP	
Idade (em anos)		75,87	7,61	74,08	7,38	2,250*
Tamanho do agregado		2,31	1,24	2,35	1,41	-0,263 ^{ns}
Tempo emigrado (em anos)		-	-	14,64	11,30	
Regresso a Portugal (em anos)		-	-	31,63	13,54	
Tempo que vive na zona (em meses)		732,06	286,47	366,86	281,98	12,044***

Notas:

N – amostra total; *n* – frequência; % - Percentagem; *M* - Média; *DP* - Desvio-Padrão; *t* - Teste *t* de Student para amostras independentes.Significância estatística (valor de *p*): **p* ≤ 0,05; ***p* ≤ 0,01; ****p* ≤ 0,001, n.s. – não significativo

Resultados

Na tabela 3 pode verificar-se que estruturalmente, a rede social pessoal dos participantes emigrados apresenta um tamanho médio de 9,45 indivíduos ($DP = 6,14$), superior comparativamente ao tamanho médio de 7,58 ($DP = 4,97$) dos participantes que não estiveram emigrados. Relativamente à densidade da rede e ao número de campos relacionais da rede, podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas, sendo que em média a maioria das redes é composta por 1 ou 2 tipos de relações diferentes. Quanto à composição das relações na rede, verificamos que as proporções das mesmas não revelam diferenças estatisticamente significativas. As relações familiares são as que apresentam uma maior proporção tanto nos idosos não emigrantes como nos emigrantes ($M = 76,55\%$; $DP = 27,83$ vs. $M = 72,98\%$; $DP = 27,75$, respetivamente). Por sua vez, as relações de amizade, de vizinhança, trabalho e institucionais apresentam uma menor proporção de composição de relações na rede.

Tabela 3.*Características Estruturais da composição da rede social pessoal segundo a emigração*

	Emigrante				<i>t</i>
	Não		Sim		
	<i>n</i> = 507 (82,8%)		<i>n</i> = 105 (17,2%)		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	

N = 612

Tamanho da rede	7,58	4,97	9,45	6,14	-2,919**
Densidade da rede	95,80	11,84	96,18	10,18	-0,338 ^{ns}
Campos relacionais na rede	1,73	0,80	1,83	0,77	-1,146 ^{ns}
Composição da rede					
Número de membros de cada campo relacional					
Relações familiares	5,70	4,19	6,89	4,98	-2,262*
Relações de amizade	0,99	1,98	1,49	2,34	-2,016*
Relações de vizinhança	0,57	1,21	0,79	1,89	-1,145 ^{ns}
Relações de trabalho	0,47	0,32	0,02	0,20	1,194 ^{ns}
Relações institucionais	0,27	1,26	0,27	1,63	0,009 ^{ns}
Proporção do campo relacional no tamanho da rede (%)					
Proporção de família	76,55	27,83	72,98	27,75	1,201 ^{ns}
Proporção de amigos	12,04	20,05	16,63	22,38	-1,943 ^{ns}
Proporção de vizinhos	7,86	16,91	7,75	16,07	0,064 ^{ns}
Proporção de relações de trabalho	0,69	4,71	0,38	3,90	0,720 ^{ns}
Proporção de relações institucionais	2,86	11,57	2,26	10,41	0,527 ^{ns}

Notas:

N – amostra total; *n* – frequência; χ^2 – Qui-quadrado; ϕ – Phi; ϕ_c – V de Cramer; % - Percentagem; *M* - Média; *DP* - Desvio-Padrão;*t* - Teste *t* de Student para amostras independentes.Significância estatística (valor de *p*): **p* ≤ 0,05; ***p* ≤ 0,01; ****p* ≤ 0,001, n.s. – não significativo

Relativamente às características funcionais da rede (tabela 4), foram considerados o apoio emocional, material e instrumental, o apoio informativo, companhia social, acesso a novos vínculos e a reciprocidade de apoio. Estas foram avaliadas numa escala de 1 a 3, (1- “nenhum”, 2- “algum”, 3- “muito”) que se prende com o apoio percebido como oferecido ao respondente por parte dos membros da sua rede. Quanto ao apoio tangível, este apresenta diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,01$), o valor médio para os indivíduos que não emigraram é de 2,24, já para os emigrantes o valor é de 2,09. O apoio informativo ($p < 0,01$) apresenta um valor médio de 2,39 para os participantes não emigrados, comparativamente a 2,26 dos que emigraram. Relativamente à companhia social ($p < 0,001$) o valor médio dos participantes que não emigraram, 2,36, é superior em relação aos que emigraram ($M = 2,18$). O acesso a novos contatos ($p < 0,001$) também apresenta significância estatística, para os participantes não emigrados o valor médio é relativamente superior tendo em conta o valor médio dos emigrantes ($M = 2,23$ vs. $M = 2,01$, respetivamente). Por fim, o apoio social ($p < 0,001$), nos indivíduos que não emigraram tem como valor médio 2,37 em relação ao valor médio de 2,23 dos indivíduos que estiveram emigrados. Sendo 3 o valor máximo, que

representa ter muito apoio por parte da sua rede, o valor médio dos participantes que não emigraram é mais aproximado de 3, parece assim haver uma tendência da percepção destes participantes para se sentirem mais apoiados pela sua rede social. Por fim, a reciprocidade de apoio não apresenta diferenças estatisticamente significativas, sendo que os idosos que não emigraram apresentam uma média de 3,34 comparativamente aos idosos emigrados que têm uma média de 3,30. A tendência é para ambos os grupos perceberem que dão apoio a algumas das pessoas da sua rede.

Tabela 4.

Características Funcionais da composição da rede social pessoal segundo a emigração

		Emigrante				
		Não		Sim		
<i>N</i> = 612		<i>n</i> = 507 (82,8%)		<i>n</i> = 105 (17,2%)		
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>
Apoio emocional		2,65	0,38	2,60	0,38	1,072 ^{ns}
Apoio tangível (material e instrumental)		2,24	0,56	2,09	0,44	3,095**
Apoio informativo		2,39	0,50	2,26	0,43	2,699**
Companhia Social		2,36	0,47	2,18	0,39	3,995***
Acesso a novos contactos		2,23	0,61	2,01	0,54	3,688***
Apoio social (somatório)		2,37	0,39	2,23	0,34	3,846***
Reciprocidade de apoio		3,34	0,93	3,30	0,97	0,314 ^{ns}

Notas:

N – amostra total; *n* – frequência; χ^2 – Qui-quadrado; ϕ – Phi; ϕc – V de Cramer; % - Percentagem; *M* - Média; *DP* - Desvio-Padrão;

t - Teste *t* de Student para amostras independentes.

Significância estatística (valor de *p*): **p* ≤ 0,05; ***p* ≤ 0,01; ****p* ≤ 0,001, n.s. – não significativo

No que se refere às características relacionais-contextuais (tabela 5), verificamos que a durabilidade média das relações nos participantes não emigrados é de 39,75 anos, aproximando-se do valor médio de 39,97 anos dos participantes que emigraram. Quanto à frequência de contatos, esta foi avaliada de 1 a 5 (5- “diariamente”, 4- “algumas vezes por semana”, 3- “semanalmente”, 2- “algumas vezes por mês”, 1- “algumas vezes por ano”). Assim sendo o valor médio da frequência de contatos nos indivíduos que não emigraram é de 3,94, comparativamente ao valor médio de 3,52 dos emigrantes, o que revela que os indivíduos que não emigraram têm tendência para contactar com a sua rede com maior frequência. A dispersão geográfica também é cotada de 1 a 5, (5- “na mesma casa”, 4- “no mesmo bairro/rua”, 3- “na mesma terra”, 2- “até 50 Km”, 1- “mais do que 50 Km”). Para os participantes que não emigraram o valor médio é de 3,28, por sua vez os emigrantes apresentam um valor médio de 2,82. Assim, a tendência é viverem “na mesma terra”, ainda que seja mais significativo para quem não emigrou.

Tabela 5.

Características Relacionais-Contextuais da composição da rede social pessoal segundo a emigração

	Emigrante				<i>t</i>
	Não		Sim		
	<i>N</i> = 612		<i>n</i> = 105 (17,2%)		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
Durabilidade média das relações (anos)	39,75	11,61	39,97	11,07	0,181 ^{ns}
Frequência de contactos	3,94	0,89	3,52	0,93	4,220***
Distância da residência	3,28	0,88	2,82	0,85	5,004***

Notas:

N – amostra total; *n* – frequência; χ^2 – Qui-quadrado; ϕ – Phi; ϕc – V de Cramer; % - Percentagem; *M* - Média; *DP* - Desvio-Padrão;

t - Teste *t* de Student para amostras independentes.

Significância estatística (valor de *p*): **p* ≤ 0,05; ***p* ≤ 0,01; ****p* ≤ 0,001, n.s. – não significativo

A tabela 6 apresenta a avaliação da rede social pessoal segundo a sua heterogeneidade e homogeneidade, a nível do sexo dos seus membros e também a nível etário. Quanto ao sexo dos elementos da rede dos participantes, verificamos que é heterogéneo. Na rede dos indivíduos que não emigraram a percentagem é de 65,1% de heterogeneidade de sexo (*n* = 330), por sua vez, os membros da rede dos emigrantes apresentam uma representatividade de 62,9% (*n* = 66) de heterogeneidade. Relativamente à idade dos membros da sua rede, esta também é heterogénea, sendo que nos indivíduos que não emigraram apresenta um valor de 53,6% (*n* = 269) e na rede dos indivíduos que emigraram 59,0% (*n* = 62). Verificamos que relativamente à avaliação da heterogeneidade e homogeneidade da rede, esta é maioritariamente heterogénea.

Tabela 6.

Características da homo/heterogeneidade etária e sexual das redes sociais pessoais segundo a emigração

	Emigrante				
	Não		Sim		
	<i>n</i> = 507 (82,8%)		<i>n</i> = 105 (17,2%)		
<i>N</i> = 612	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
Homo/Heterogeneidade de sexo:					
Heterogénea	330	65,1	66	62,9	$\chi^2 = 3,643^{ns}$
Homogénea no sexo feminino	138	27,2	25	23,8	$\phi c = 0,077^{ns}$
Homogénea no sexo masculino	39	7,7	14	13,3	
Total	507	100	105	100	
Homo/Heterogeneidade etária:					
Heterogénea na idade	269	53,6	62	59,0	
Homogénea no grupo idoso	48	9,6	12	11,4	$\chi^2 = 3,885^{ns}$
Homogénea no grupo adulto	184	36,7	30	28,6	$\phi c = 0,80^{ns}$
Homogénea no grupo jovem	1	0,2	1	1,0	
Total	502	100	105	100	

Notas:

N – amostra total; *n* – frequência; χ^2 – Qui-quadrado; ϕ – Phi; ϕc – V de Cramer; % - Percentagem.

Significância estatística (valor de *p*): **p* ≤ 0,05; ***p* ≤ 0,01; ****p* ≤ 0,001, n.s. – não significativo

Discussão e Conclusões

O objetivo central do presente estudo passa por caracterizar e analisar as implicações da mobilidade geográfica através da emigração e regresso, nas redes sociais pessoais de indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos. Para o efeito, foram analisadas as características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais das redes sociais pessoais dos participantes em duas subamostras: idosos que emigraram e idosos que nunca emigraram. Procedeu-se a uma análise estatística descritiva e inferencial dos dados, importando agora discutir os resultados à luz do referencial teórico da temática em estudo.

Ainda que a maioria das variáveis analisadas nesta caracterização não se distribuam de forma distinta pelas subamostras, há algumas tendências a sublinhar. Quanto às características sociodemográficas, importa destacar que, em termos gerais, a amostra é composta por 612 participantes, apresentando uma média de 74 anos de idade, sendo a maioria da percentagem composta por idosos jovem e constituída maioritariamente por indivíduos do sexo feminino. Esta tendência de predominância das mulheres reflete o resultado dos Censos 2011 (Instituto Nacional de Estatística (INE), 2012), em que no grupo etário de 65 ou mais anos 59,1% corresponde sexo feminino. Salgado (2002) afirma que existe uma desigualdade de género quando falamos em esperança média de vida, assim sendo a maior proporção de mulheres permite-nos referir uma feminização da velhice. Por sua vez, quanto à variável emigração podemos verificar que, apesar de no mesmo seguimento existir uma maior percentagem de elementos do sexo feminino, essa diferença não é estatisticamente significativa relativamente ao sexo masculino (56,2% vs. 43,8%). Posto isto, a distribuição de emigrantes portugueses é equilibrada, com ligeira predominância do sexo masculino (Peixoto, 2004; Pires et al., 2014), algo que não se verifica perante a amostra. Quanto ao estado civil dos idosos, a tendência é para serem casados e viúvos, resultado que está de acordo com as estruturas familiares atuais em Portugal (Pordata, 2018b).

A zona de residência, assim como no tipo de zona não se registam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, residindo os participantes da amostra global sobretudo em aglomerados populacionais e em zonas rurais ou suburbanas.

No que concerne às habilitações literárias, verificamos que a maioria dos participantes que emigraram tem o ensino básico, isto é, 4º ano de escolaridade, tendência que também se verifica nos indivíduos não emigrados. Estes valores estão de acordo com o Relatório Estatístico da Emigração Portuguesa (Pires et al., 2014), que refere que 70% dos emigrantes

têm o ensino básico. Os indivíduos emigrantes com o ensino secundário (7,6%), tem uma maior representatividade quando comparados aos não emigrados. Nesse sentido Pires et al. (2014) afirmam que 23% dos emigrantes teriam terminado o ensino secundário. A população portuguesa emigrada em 2010/11 era maioritariamente constituída por emigrantes com baixas habilitações, apesar de o crescimento de percentagem de licenciados tivesse sido de 6% para 11% (Pires et al., 2017). No estudo da presente amostra não se verifica, visto que a percentagem de emigrantes com o ensino superior tem pouca representatividade (2,9%). Os participantes em estudo pertencem à vaga emigratória dos anos 60/70 do século XX. Exceto os emigrantes em cumprimento militar para a Guerra colonial e os emigrantes ilegais, era necessário o cumprimento de requisitos para aceder ao passaporte que lhes permitia emigrar. Uma das condições de acesso ao passaporte exigidas por lei era deter a habilitações, no caso, o diploma da 3ª classe. (Decreto n.º4428 de 29 de junho de 1962 e Decreto-Lei n.º 44427 de 29 de junho do Diário do Governo n.º 147/1962, 1962). Sendo que a 3ª classe corresponde ao 4º ano de escolaridade atualmente, a amostra em estudo encontra-se na sua maioria concordante com a escolaridade necessária para a obtenção de passaporte.

Apesar de não se registarem diferenças estatisticamente significativas, mais 10% dos inquiridos consideram que os seus rendimentos cobrem os gastos e permitem poupar, sendo que os sujeitos que estiveram emigrados tendem a considerar mais frequentemente que os rendimentos cobrem os gastos e permitem poupar (21,9% vs. 32,4%).

Na subamostra de indivíduos emigrados em estudo, e em concordância com o Relatório da Emigração Portuguesa (Pires et al., 2014), as últimas profissões exercidas pelos sujeitos com maior representatividade são as ocupações operárias, trabalhadores não qualificados, trabalhadores de montagem ou operadores de máquinas. Com menor representatividade temos a agricultura e florestas, pessoal dos serviços, comerciantes e por fim, os quadros superiores ou dirigentes. Segundo Poinard (1983) a profissão de construção civil e obras públicas, em geral, é uma atividade de acolhimento para estrangeiros, assim como as emigrantes portuguesas maioritariamente se ocupam de atividades como a indústria e serviços de limpeza e manutenção. Nesse sentido, no início da década de 1970, os trabalhadores portugueses dão um contributo importante para o desenvolvimento francês, tanto ao nível da construção civil e trabalhos públicos como da higiene e serviços domésticos (Serrão, 1982).

Quanto à situação familiar a maioria dos idosos refere viver em situação de coabitação, sendo o tamanho médio do agregado familiar composto essencialmente por 2 elementos, independentemente da variável emigração.

O tempo emigrado apresenta um valor médio de 14,65 anos na amostra em estudo, valor esse em concordância com Pires et al. (2017), que conclui no seu estudo que maioritariamente os emigrantes permanecem no país de destino mais de 10 anos, tendência que tem vindo a diminuir.

Por sua vez, quando questionamos acerca de há quanto tempo regressaram ao país de origem, situamos o regresso há 31,63 anos. em média, dados que remetem para a participação dos inquiridos na vaga emigratória dos anos 60 e 70.

Quanto à residência na zona, a tendência é que os participantes não emigrantes vivem em média há cerca de 61 anos na zona, comparativamente aos emigrantes que referem viver na atual zona de residência há cerca de 31 anos. Segundo Antunes (1981), a migração interna também é um fenómeno a salientar em Portugal, existindo uma relação íntima entre esta e a emigração, pois, de certo modo, ambas são formas de êxodo rural. O centro e norte do interior do país sofrem com o êxodo populacional em favor da região litoral, especialmente para os grandes centros urbanos e industriais de Lisboa e Porto. Em relação a este estudo e em concordância com a maioria habitar em zonas rurais, os participantes não emigrantes tendem a viver na mesma zona por cerca de 61 anos, sendo a idade média desta subamostra de 76 anos, o facto de viverem em média há menos tempo na zona, poderá estar relacionado com movimentos de êxodo rural. Quanto aos participantes emigrantes, em concordância com o facto de terem regressado ao país de origem em média há cerca de 31,63 anos, estes vivem na zona aproximadamente há 31 anos, em média.

Quanto às características estruturais da rede, constatamos que o tamanho médio da rede social pessoal dos idosos que emigraram é de 9,45 elementos. Comparativamente, as redes sociais pessoais dos idosos que não emigraram são menores, com um valor médio de 7,58 elementos. Segundo Sluzki (1997), as migrações e o passar do tempo, ou seja, a perda e falta de acesso a renovação da rede por parte dos idosos, são dois fatores que afetam o tamanho da mesma, reduzindo-a significativamente. Para este autor as redes de tamanho médio constituídas por 8 a 10 elementos, tendem a ser bastante eficazes em situações de crise. No entanto, ao contrário do que o autor defende, este estudo mostra que a rede social dos idosos que emigraram é maior, facto que eventualmente possa estar relacionado com os laços que o idoso tem no país de origem somados com os do país para onde emigrou. Tal como afirma Massey (1988), as redes migratórias podem ser definidas como laços interpessoais de elevada complexidade que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade ou vizinhança. A emigração marca a trajetória dos sujeitos, colocando-os a explorar dois contextos de vida distintos durante períodos alargados

da sua vida. Estes contextos potenciam uma expansão da rede, ainda que a mobilidade possa também potenciar desativações e cortes nos laços de contacto quotidiano nos contextos que ficam para trás. Neste caso, os idosos estiveram emigrados um período limitado da sua vida, fora do seu contexto de origem, e regressaram posteriormente ao seu contexto de origem, estando já há mais de três décadas, em média, neste. O restabelecimento de laços terá sido possível, sendo provável que haja alguns vínculos que perdurem, mesmo à distância, com pessoas da comunidade onde se integraram no período de emigração. Segundo Fawcett, Kritz, M. e Zlotnik (1989,1992), os indivíduos migram através de uma “instituição invisível” que são as redes familiares ou pessoais. O contato com atores e canais, independentemente deste ser físico ou apenas subjetivo, na forma de influência e acaba por ser responsável pela concretização do sucesso da viagem. Para além disso são vistas como responsáveis pela manutenção de vínculos entre origem e destino, pela orientação que os fluxos assumem, assim como pela circulação de recursos materiais e simbólicos (Soares, 2002).

Quanto à composição da rede, na generalidade não se verificam diferenças significativas, as relações que se estabelecem são na sua maioria familiares, tanto nos idosos que não emigraram como nos emigrantes ($M = 76,55\%$ vs. $M = 72,98\%$, respetivamente). Estes dados da amostra são coincidentes com os resultados do estudo de Cabral et al. (2013) que refere que as redes na sua maioria são compostas por familiares. Em Portugal, e segundo Chau et al. (2012), os familiares são o principal apoio dos idosos, facto este que tem vindo a sofrer algumas alterações com as profundas transformações nas estruturas familiares. O aumento das famílias unipessoais pode comprometer este apoio e consequentemente o aumento da necessidade de apoio institucional. As redes sociais segundo Soares (2004), têm o papel de fornecer contextos sociais de referência para o indivíduo que entra num processo de migração, sendo estes capazes de influenciar e condicionar os comportamentos individuais. Sendo que, Pereira e Siqueira (2013), a emigração pode ser um projeto conjunto, elaborado por uma família ou comunidade, ainda que este não seja vivido homogeneamente por todos.

As relações de amizade integram a composição da rede, tanto nos idosos que não emigraram ($M = 12,04$) como nos idosos emigrantes ($M = 16,63$), ainda que mais representadas no último grupo, apesar de não se registarem diferenças estatisticamente significativas. As relações de amizade, para além das relações familiares, são possivelmente as relações mais importantes da rede social dos idosos. Porém envelhecer provoca alteração nas relações, tanto a nível familiar como de amizade quanto à estrutura da rede e ao papel social que desempenha (Stevens, 2001). Por sua vez, Stevens (2001) considera que as relações de amizade são essenciais para o bem-estar emocional do idoso, contribuindo com apoio e companheirismo, assim como na

manutenção da identidade consoante a mudança de circunstâncias e adaptação à velhice. Quanto às relações de vizinhança, trabalho ou institucionais, a sua proporção é menor na composição da rede social dos idosos. Segundo, Massey (1987) as redes sociais mais importantes são as relações de parentesco, amizade, trabalho e as deixadas na origem. Essas relações não são criadas pelo processo migratório, mas involuntariamente sofrem adaptações devido a ele, sendo reforçadas pela experiência comum da migração.

As redes são essencialmente coesas, tendência verificada tanto para os idosos que não emigraram ($M = 95,80$), como para os idosos emigrantes ($M = 96,18$), onde podemos verificar que a quase totalidade dos elementos da rede se relaciona entre si. Esta tendência vai ao encontro do que Cabral et al. (2013), referem quando classificam as redes dos idosos como extremamente densas e fechadas. As redes coesas caracterizam-se pelo quase ilimitado apoio emocional, eficácia na mobilização de recursos e da constante disponibilidade para o outro em caso de necessidade. Esse elevado nível de densidade leva a uma maior influência sobre os membros dela constantes, mas também a rigidez quanto à abertura da rede ao exterior e renovação (Guadalupe, 2009; Sluzki, 2007).

No que respeita às características funcionais, o apoio emocional é percebido como o mais elevado e valorizado, tendência constante tanto nos idosos não emigrantes ($M = 2,65$), como nos idosos emigrantes ($M = 2,60$). Este tipo de apoio é dos mais importantes nas redes, sendo característico das relações familiares e de amizade (Sluzki, 2007), pois pressupõe que seja uma relação de proximidade e intimidade, o poder contar com o outro transmite um sentimento de segurança e carinho (Barrón, 1996). Os participantes percebem ter maior nível de apoio emocional do que material e instrumental, ainda que os participantes não emigrados sintam esse apoio como superior ($M = 2,24$), relativamente aos participantes que emigraram ($M = 2,09$). O apoio emocional percecionado pela rede é importante, pois está diretamente relacionado com a saúde e bem-estar do indivíduo, quando existe falta de perceção deste apoio existe uma forte tendência para o desenvolvimento de fragilidades psicológicas (Élita, Ligiane e Eliete, 2001). Dada a atual conjuntura socioeconómica atual, este dado não é surpreendente, visto que garantir apoio material e instrumental depende de uma elevada disponibilidade por parte da rede. Quanto ao apoio informativo, a tendência também é para ser percebido como superior nos idosos que não emigraram ($M = 2,39$), comparativamente aos emigrados ($M = 2,26$), existe assim a possibilidade de o idoso ser sensível a este tipo de apoio ou ter maior disponibilidade de recursos a este nível. Prende-se com o aconselhamento e orientação, com o objetivo de partilha de informações pessoais ou sociais entre os membros (Sluzki, 1996). Por sua vez, a perceção de companhia social traduz-se na concretização de atividades em conjunto

e da presença física da outra pessoa (Sluzki, 2007), é percebida como superior ou mais valorizada nos idosos não emigrantes ($M = 2,36$) comparativamente ao idosos que estiveram emigrados ($M = 2,18$). Este facto pode dever-se à indisponibilidade da rede para efetivar a presença junto, ainda que possam estar presentes e dar apoio quando necessário. A companhia social que têm um grande impacte na vida das pessoas, visto que é uma forma mais ativa e real do suporte da rede social, é importante a companhia física, assim como a companhia de animais de estimação aquando indisponibilidade física por parte dos elementos da rede (Guadalupe, 2009).

O acesso a novos contactos nos idosos tem uma maior importância visto que pode colmatar as perdas, por morte, indisponibilidade ou emigração dos elementos da sua rede (Alarcão e Sousa, 2007). Relativamente a este estudo, o acesso a novos contactos apresenta diferenças estaticamente significativas quando comparando os idosos não emigrantes e os emigrantes ($M = 2,23$ vs. $M = 2,01$, respetivamente), sendo entendido como superior nos idosos que nunca emigraram. Este apoio é de extrema importância para os idosos, visto que permite a abertura a novas pessoas e o potencial alargamento da respetiva rede social, que poderá resultar no aumento dos quadrantes da rede de suporte (Alarcão e Sousa, 2007; Guadalupe, 2009; Sluzki, 2007). Na generalidade, os participantes que não emigraram percebem que a sua rede social lhes dá maior apoio ($M = 2,37$), comparativamente aos participantes emigrantes ($M = 2,23$). Podemos verificar que, ainda assim, os inquiridos consideram que a rede lhes dá algum apoio social, no entanto, pode não ser suficiente para renovação a rede. Quanto à reciprocidade de apoio podemos referir que a tendência, tanto nos idosos não emigrantes ($M = 3,34$), como nos idosos emigrantes ($M = 3,30$) é para sentir que retribuem apoio a algumas das pessoas da sua rede. Este ato de reciprocidade relaciona-se com a simetria das relações, ou seja, se os papéis desempenhados pelos intervenientes são equivalentes na relação (Sluzki, 2007). A capacidade de retribuir apoio é importante especialmente para a população idosa visto que, faz com que se sinta útil, aumentando a aceitação do próprio apoio e estimulando o apoio mais ativo para com os membros da sua rede (Alarcão e Sousa, 2007).

No que se refere às características relacionais-contextuais, podemos verificar que, na generalidade, a durabilidade média das relações dos idosos em estudo é de 40 anos, o que denota uma forte estabilidade, atendendo à existência de diferentes gerações nas redes. Quanto à frequência de contatos verificamos que há diferenças significativas, os idosos não emigrantes contactam mais frequentemente com os elementos da sua rede ($M = 3,94$) do que os idosos que emigraram ($M = 3,52$). Ainda que se verifique diferença, podemos concluir que na generalidade, a tendência dos idosos em estudo é para contactar com os membros da sua rede

algumas vezes por semana. Sendo que o tempo de emigração dos idosos foi de cerca de 15 anos, e do regresso há cerca de 31 anos, os laços criados no país de destino face a distância acabam por se ressentir, podendo afetar a frequência de contactos. Existe ainda uma possibilidade de no país onde o indivíduo esteve emigrado ter construído e/ou ter enraizado a sua família, sendo provável que aquando a sua saída do país de emigração, os seus descendentes e familiares terem permanecido no mesmo. A dispersão geográfica permite identificar a distância a que os membros da rede social vivem, tendo em conta a localização do indivíduo central. Quanto menor a sua dispersão, maior será a acessibilidade e eficácia do apoio e suporte da rede. A frequência de contatos está relacionada com a frequência em que o indivíduo central estabelece contatos com os membros da sua rede social (Alarcão e Sousa, 2007; Guadalupe, 2009; Sluzki, 2007). Uma maior frequência de contactos potencia a intimidade e a intensidade do vínculo entre o indivíduo e a sua rede, aumentando a sua eficácia na prestação de apoio (Alarcão e Sousa, 2007). É importante frisar que, o emigrante passa por uma fase de esperança de retorno no período emigratório, em que procura adaptar a sua vida no país de destino de modo a ser mais suportável a sua estadia, tentando minimizar as condições de vida extremamente duras que frequentemente encontra. Para o efeito, esta recria elementos do seu contexto sociocultural, como a manutenção de relações muito estreitas à comunidade de origem para que não seja afetada pelo afastamento físico (Antunes, 1981). Quando este regressa ao seu país de origem, sendo que não existe uma ideia de retorno ao país para onde emigrou, pode esse comportamento não se verificar. Nesse sentido, a frequência de contactos pode realmente ser afetada por condicionantes como a distância, pois existe a possibilidade de familiares próximos se terem estabelecido no país de acolhimento anterior, nomeadamente a sua descendência.

Quanto à dispersão geográfica dos idosos que não emigraram a tendência é para que os membros da sua rede vivam na mesma terra ($M = 3,28$), por sua vez os idosos emigrantes seguem a mesma tendência ainda que com uma média significativamente inferior ($M = 2,82$). Podemos verificar que a menor frequência de contatos poderá estar intimamente ligada com a maior dispersão geográfica dos membros da rede dos idosos emigrantes.

Quanto às restantes características da rede podemos constatar que, na sua generalidade são heterogéneas tanto para o sexo como para a idade, não registando diferenças significativas entre os idosos não emigrantes e os emigrantes. Este facto pode traduzir-se numa maior facilidade, rapidez e eficácia de responder a situações adversas e necessidades de apoio, tal como uma maior versatilidade de recursos (Alarcão e Sousa, 2007; Sluzki, 2007).

Em suma, estamos perante uma amostra constituída por 612 participantes com mais de 65 anos, com a subamostra de idosos que estiveram emigrados a representar 17,2 % ($n = 105$) da amostra total, sendo que os restantes 82,8% ($n = 507$) dos participantes nunca emigraram. Apresenta características semelhantes às apresentadas pela população em geral para esta faixa etária, ou seja, com um predomínio do sexo feminino, maioritariamente com estado civil de casado ainda que com uma elevada representatividade de viuvez. Maioritariamente residem em aglomerados populacionais em zonas consideradas rurais. Tal como esperando, tendo em conta o grupo etário em análise o nível de literacia é baixo, maioritariamente detendo o 4º ano, com baixa representatividade de idosos emigrados com formação superior, mas elevada quanto ao ensino preparatório e 12º ano. A baixa escolaridade é um facto que se repercutindo em profissões essencialmente ligadas ao trabalho doméstico e fabril, máquinas e construção civil, assim sendo os participantes consideram que os seus rendimentos cobrem os gastos, mas não permitem poupar.

O sentimento de menor apoio por parte dos participantes emigrantes poderá estar relacionado com a posição do emigrante em Portugal, que tem vindo a ser reforçada na estrutura social, em pequenas comunidades rurais. Segundo Antunes (1981), o emigrante desempenha um papel importante e adquire um conjunto de características relevantes, sendo considerados como um estrato social ou mesmo um grupo social homogéneo e estável na estrutura social. O emigrante nas pequenas comunidades rurais, tendencialmente é visto como alguém no topo da escala de estratificação social, dotado de atributos como a iniciativa pessoal, capacidade de sacrifício e trabalho capaz de vencer o peso da hereditariedade do status social (Antunes, 1981).

As redes sociais dos idosos emigrantes apresentam uma média de 9,45 elementos, superior quando comparada com a dos idosos não emigrantes ($p < 0,01$). A rede é composta predominantemente por relações familiares, tanto nos idosos emigrantes como nos não emigrados. A mesma tendência se verifica quanto às relações de amizade, também consideradas significativas na constituição rede. Os participantes que não emigraram percecionam um nível superior de apoio social por parte das suas redes comparativamente aos emigrados ($p < 0,001$). Apesar de o apoio emocional ser percecionado por ambos como o mais valorizado e elevado, o apoio material e instrumental e o informativo é percebido como superior nos idosos não emigrantes ($p < 0,01$), assim como a companhia social e acesso a novos contactos ($p < 0,001$).

As redes são redes coesas, com uma durabilidade média de cerca de 40 anos, apresentam uma maior frequência de contactos nos idosos que estiveram emigrados ($p < 0,001$). A distância de residência da rede social pessoal é menor nos idosos não emigrados

($p < 0,001$). As redes dos participantes apresentam características de heterogeneidade tanto a nível etário como sexual.

Ao longo de todo este estudo, podemos concluir que tanto as redes dos idosos emigrantes como as dos não emigrantes apresentam potencialidades e fragilidades, vantagens e desvantagens. Verifica-se que a experiência de emigrar acaba por proporcionar um maior tamanho de rede social, ainda que, as relações familiares sejam as mais importantes e valorizadas pelo total da amostra, o que reforça o vínculo familiar independentemente da eventual distância física no período de emigração.

Seria fundamental pensar em novos estudos para perceber como decorre o movimento de regresso e reintegração de um indivíduo emigrante ao país de origem, assim como na necessidade de novas formas de adaptação e reintegração à cultura. Apesar de este estudo mostrar semelhanças na rede dos idosos emigrantes e dos que não emigraram, é importante referir que a amostra em estudo regressou ao país de origem em média há cerca de 31 anos, podendo esse fator influenciar essa semelhança.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. e Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44, 353–376. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10849/96>
- Antunes, M. M. (1981). Migrações, mobilidade social e identidade cultural: Factos e hipóteses sobre o caso português. *Análise Social*, XVII(65), 17–27. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/41010252>
- Baganha, M. I., e Góis, P. (1999). Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53, 229–280. Retrieved from <https://estudogeral.sib.uc.pt/.../Migrações%20Internacionais%20em%20Portugal.pdf>
- Bandeira, M. L., Azevedo, A. B., Gomes, M. C., Mendes, M. F., Baptista, M. I., & Moreira, M. J. (2014). *Dinâmicas demográficas e envelhecimento da população portuguesa (1950-2011): evolução e perspectivas*. Retrieved from <https://www.ffms.pt/publicacoes/detalhe/1542/dinamicas-demograficas-e-envelhecimento>
- Barreto, A. (1995). Portugal na periferia do centro: mudança social, 1960 a 1995. *Análise Social*, XXX(134), 841–855. Retrieved from analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223388784X1kPT5fa3Yr88TD2.pdf
- Barrón, A. (1996). *Apoyo social: aspectos teóricos y aplicaciones*. Madrid: Siglo XXI de España Editores.
- Cabral, M. V., Ferreira, P. M., Silva, P. A. da, Jerónimo, P., & Marques, T. (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal Usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Retrieved from <https://www.ffms.pt/FileDownload/...d89b.../processos-de-envelhecimento-em-portugal>
- Capucha, L. (2005). Envelhecimento e políticas sociais: novos desafios aos sistemas de protecção - Protecção contra o “risco de velhice”: que risco? *Revista Do Departamento de Sociologia Da Faculdade de Letras Da Universidade Do Porto*, XV, 337–348. Retrieved from <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/5307>
- Chau, F., Soares, C., Fialho, J. e Sacadura, M. (2012). *O Envelhecimento da População: Dependência, Ativação e Qualidade*. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão, Universidade Católica Portuguesa. Retrieved from www.qren.pt/np4/np4/?newsId=1334&fileName=envelhecimento_populacao.pdf
- De Bree, J., Davids, T., & De Haas, H. (2010). Post-return experiences and transnational belonging of return migrants: A Dutch - Moroccan case study. *Global Networks*, 10(4), 489–509. <https://doi.org/10.1111/j.1471-0374.2010.00299.x>
- Decreto-Lei n.º 44427 de 29 de junho de 1962, Pub. L. No. Diário do Governo n.º 147/1962, Série I (1962). Retrieved from <https://dre.pt/pesquisa/-/search/164589/details/maximized?perPage=100&sort=whenSearchable&sortOrder=ASC&q=Constitui%C3%A7%C3%A3o+da+Rep%C3%BAblica+Portuguesa>
- Élita, R., Ligiane, A., & Eliete, J. (2001). Estudo da Rede de Relações Sociais e Apoio Emocional em Idosos. Retrieved from periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/viewFile/660/763
- Fawcett, J. (1989). Networks, Linkages and Migration System. *International Migration*

- Review*, 23 (3), 671–680. Retrieved from <https://www.jstor.org/stable/2546434>
- Fazito, D. (2010). Análise de Redes Sociais e Migração Dois aspectos fundamentais do “retorno.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 25(February 2010), 89–100. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000100007>
- Fernández-Ballesteros, R., L. F. Garcia, D. Abarca, E. Blanc, A. Efklides, D. Moraitou, R. Kornfeld, A. J. Lerma, V. M. Mendoza-Nunez, N. M. Mendoza-Ruvalcaba, T. Orosa, C. P. & S. P. (2010). The concept of ‘ageing well’ in ten Latin American and European countries. *Ageing & Society*, 30(1), 41–56. Retrieved from <https://pdfs.semanticscholar.org/0738/d0f1be0b7023e140e94675c4edd375a5de75.pdf>
- Guadalupe, S. & Vicente, H. (2012). Instrumento de Análise de Rede Social Pessoal – Idosos. (Manual não publicado). Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Guadalupe, S. (2009). Intervenção em rede: Serviço social, sistémica e redes de suporte social. Coimbra. *Imprensa Da Universidade de Coimbra*. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0866-2>
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2012). Censos 2011 - Resultados definitivos-Portugal. Retrieved from www.ine.pt
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2017). Mantém-se o agravamento do envelhecimento demográfico, em Portugal, que só tenderá a estabilizar daqui a cerca de 40 anos. *Instituto Nacional de Estatística*, 1–19. Retrieved from www.ine.pt
- Kritz, M. e Zlotnik, H. (1992). Global Interactions: Migration Systems, Processes and Policies. In *International migration systems: a global approach* (Vol. Internatio, pp. 1–16). Oxford: Clarendon Press.
- Lopes, Alexandra; Lemos, R. (2012). Envelhecimento demográfico: percursos e contextos de investigação na Sociologia Portuguesa. *Sociologia: Revista Da Faculdade de Letras Da Universidade Do Porto*, 2, 13–31. Retrieved from www.redalyc.org/pdf/4265/426539987003.pdf
- Martins, R. M. L. (1998). Envelhecimento e políticas sociais. *Educação, Ciência e Tecnologia*, 126–140. Retrieved from www.ipv.pt/millennium/Millennium32/10.pdf
- Massey, D., Alarcón, R., Durand, J., & González, H. (1987). *Return to Aztlan: The Social Process of International Migration from Western Mexico*. University of California Press. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1ppp3j>
- Matos, R., & Braga, F. (2000). Redes Sociais, Redes Territoriais e Migrações, 1–21. Retrieved from www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1289/1253
- Moura, Élita R.1, Martins, Ligiane A.2, Nogueira, E. J. . (2011). Trajetórias e vida de pessoas idosas ex-emigrantes Portugueses : a construção da integridade familiar. *Revista Kairós Gerontologia*, 14(4), 3–24. Retrieved from [revistas.pucsp.br › Capa › v. 14, n. 3 \(2011\)](http://revistas.pucsp.br/Capa/v.14,n.3(2011))
- Nazareth, J. (1976). O efeito da emigração na estrutura das idades da população portuguesa. *Análise Social*, XII (46), 315–362. Retrieved from analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223914116L6zBI3ir2Vx80XK5.pdf
- Oliveira, M. J. C. de, & Pereira, R. da S. (1967). Envelhecimento e vitalidade da população portuguesa: uma análise distrital. *Análise Social*, 5(17), 23–56. Retrieved from <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224172571P4pPJ8yf4Mj82QK1.pdf>
- Peixoto, J. (2004). País de emigração ou país de imigração?: Mudança e continuidade no

- regime migratório em Portugal. *Socius Working Papers*, 2, 1–27. Retrieved from <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2028>
- Peixoto, J. (2012). A emigração portuguesa hoje: o que sabemos e o que não sabemos. *Socius Working Papers*, 5, 12. Retrieved from <http://pascal.iseg.utl.pt/~SOCIUS/publicacoes/wp/wp200604.pdf%5Chttps://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/4892>
- Pereira, S., & Siqueira, S. (2013). Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. *REMHU - Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*, XXI(41), 117–138. <https://doi.org/10.1590/S1980-85852013000200007>
- Pires, R., Pereira, C., Azevedo, J., & Ribeiro, A. (2014). *Emigração Portuguesa: Relatório Estatístico 2014*. <https://doi.org/10.15847/CIESOEMRE012014>
- Pires, R., Pereira, C., Azevedo, J., Vidigal, I., & Veiga, C. (2017). *Emigração Portuguesa Relatório Estatístico 2017*, 328. Retrieved from http://observatorioemigracao.pt/np4/file/4447/OEm_EmigracaoPortuguesa_RelatorioEstatis.pdf
- Poinard, M. (1983). Emigrantes portugueses: o regresso. *Análise Social*, 19(1), 29–56. Retrieved from <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223461774W5zMZ4fg1Ai44TU1.pdf>
- Pordata. (2016). FFMS. (2016). Emigrantes: total e por tipo. PORDATA. Retrieved Janeiro 10, 2018, from www.pordata.pt, 1–4.
- Pordata. (2018a). FFMS. (2018). Emigrantes por mil habitantes. PORDATA – Estatísticas, gráficos e indicadores de Municípios, Portugal e Europa. Retrieved Junho 15, 2018, from <http://www.pordata.pt>.
- Pordata. (2018b). FFMS. (2018). População residente segundo os Censos: total e por estado civil. PORDATA – Estatísticas, gráficos e indicadores de Municípios, Portugal e Europa. Retrieved fevereiro 20, 2018, from <http://www.pordata.pt>.
- Rosa, M. & Chitas, P. (2016). Portugal: os números. *Fundação Francisco Manuel Dos Santos*.
- Rosa, M. (1993). O desafio social do envelhecimento demográfico. *Análise Social*, 28(122), quarta série, 679-689. *Instituto Ciências Sociais Da Universidade de Lisboa*, 28, 679–689. Retrieved from analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223291769P9jTF5la0Hq76JE3.pdf
- Salgado, D. C. S. (2002). Mulher idosa: A feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares Em Envelhecimento*, 4, 7–19. Retrieved from <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4716/2642>
- Salim, C. A. (1992). Migração: o fato e a controvérsia teórica. *Anais: VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Retrieved from <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/609>
- Santos, J. R. dos. (2017). Desemprego e Migrações em Portugal, que relação? In F. Urze, P., Serrano, M., & Assunção (Ed.), *Atas do II Encontro Internacional de Sociologia (SIOT)* Monte da Caparica: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, pp. 91-102..
- Sayad, A. (2000). O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Revista Travessia*, 13, 7–32.
- Serrão, J. (1982). *A Emigração Portuguesa - Sondagem histórica*. (Livros Horizonte, Ed.) (4.^a edição).

- Sluzki, C. (1996). *La red social: Frontera de la practica sistémica*. Barcelona: Gedisa.
- Sluzki, C. (1997). *A Rede Social na Prática Sistémica: Alternativas Terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sluzki, C. (2000). Social networks and the elderly: Conceptual and clinical issues, and a family consultation. *Family Process*, 39(3), 271-284.
- Sluzki, C. (2007). Famílias e redes. Em L. Fernandes e M. Santos (coord.). *Terapia familiar, rede e política social* (pp. 95-124). Lisboa: Clempsi.
- Soares, W. (2002). Para Além da Concepção Metafórica de Redes Sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional. *XIII Encontro Da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, 1-27. Retrieved from <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1093/1057>
- Soares, W. (2004). Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 21, 101-116. Retrieved from <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/284>
- Stevens, N. (2001). *Combating loneliness: a friendship enrichment programme for older women* (21st ed.). Ageing and Society. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/231746519_Combating_loneliness_A_friends_hip_enrichment_programme_for_older_women
- Tilly, C. (1978). "Migration in Modern European History". In: Mcneill, William H. e Adams, Ruth S. (orgs.). *Human migration, patterns and policies*. Indiana University Press, pp. 48-72.
- Tilly, C. (1990). Transplanted Networks. In: Yans-Mc Laughlin, Virginia (ed.), *Immigration Reconsidered*, NY, Oxford, Oxford University Press, 1990, p. 79-95. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195055108.001.0001>
- Walker, Kenneth; MacBride, Arlene; Vachon, M. (1977). Social support networks and the crisis of bereavement. *Social Science and Medicine*, 35-41. [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/0037-7856\(77\)90143-3](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/0037-7856(77)90143-3)